



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LEDA MARIA COZER ABREU (2)

(entrevista)

Rio de Janeiro, RJ

2021

LECCORPO-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Grupo de Estudos Mulheres do Futebol

Número da entrevista: E-100

Nome da entrevistada: Leda Maria Cozer Abreu

Data de nascimento: 16/04/1966

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Rio de Janeiro, RJ (Via Zoom)

Entrevistadores: Juliana Ribeiro Cabral e Márcia Tafarel

Data da entrevista: 21/03/2021

Transcrição: Martina Burch

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa de termos: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 34 minutos e 18 segundos

Páginas Digitadas: 23

Observações:

Entrevista cedida pelo *Grupo de Estudos Mulheres do Futebol*, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 12 de janeiro de 2024.

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: ABREU [2], Leda Maria Cozer. Entrevista concedida por Leda Maria Cozer Abreu ao Grupo de Estudos Mulheres do Futebol. . Entrevistadoras Juliana Ribeiro Cabral e Márcia Tafarel. UNIVASF, UFRGS, RIO DE JANEIRO (RJ), 21 mar. 2021, 23 p.

SUMÁRIO

Aproximação com o futebol; Trajetória no Clube de Regatas Vasco da Gama; Seleção Brasileira; Campeonato Sul-Americano de Uberlândia; Copa do Mundo de Futebol Feminino da Suécia; Jogos Olímpicos de Atlanta; Aposentadoria dos gramados; Carreira como comentarista; Formação em Educação Física. Reconhecimento esperado.

Rio de Janeiro (RJ), 21 de março de 2021. Entrevista com Leda Maria Cozer Abreu (L.A.) a cargo das pesquisadoras Juliana Ribeiro Cabral (J.C.) e Márcia Tafarel (M.T.) para o Grupo de Estudos Mulheres do Futebol

J.C. - Boa noite, Ledinha. Em primeiro lugar, em nome do Grupo de Estudos sobre Mulheres do Futebol, eu gostaria de te agradecer pela disponibilidade de conversar conosco. Para começar, conta para a gente como o futebol entrou na tua vida.

L.A. - Bom, o futebol começou na minha vida quando eu tinha seis anos de idade e fui apresentada a uma bola. Foi dentro da minha casa, junto com meu pai e com meu primo, que era viciado em futebol. Desde pequena fui muito moleca e eu comecei a ter gosto pelo futebol como brincadeira, única e exclusivamente como brincadeira. Quando eu tinha uns dez anos comecei a jogar bola na rua com a molecada, era eu de menina no meio dos meninos jogando. Foi aos treze anos que eu comecei a jogar com um grupo que tinha mais uma menina, a Eliete¹. Nós tínhamos treze anos, mais ou menos, a gente jogava só nós duas no meio da molecada. E aí a gente já demonstrava uma habilidade diferente e quando escolhiam os times, sempre éramos as primeiras a serem escolhidas. E aí a irmã dessa minha amiga tinha um conhecido que tinha um time de futebol feminino, de futsal. Isso em 1981. Eu tinha catorze, aí já entro na primeira equipe oficial que eu comecei a jogar bola. E o que acontece? Eu nunca tive sonho de ser jogadora de futebol. Naquela época, a gente não sonhava. Era só uma brincadeira com os garotos. E chegou esse time nas nossas vidas e foi a primeira vez que eu coloquei um uniforme para jogar bola e jogar futebol com mulheres. Porque até então só jogava bola com meninos. Então a única que jogava bola de meninas era eu e essa minha amiga Eliete. Foi o meu primeiro pontapé para jogar futebol oficialmente. E quando chegou 1983, no tal campeonato oficial, primeiro campeonato oficial do Brasil², eu tive o privilégio, tenho muito orgulho de falar disso, e a gente disputou esse campeonato pelo América³. Mas para mim ainda continuava sendo uma brincadeira um pouco mais séria. Só porque eu colocava o uniforme, mas não era remunerada, eu ganhava só a passagem. E sempre eu tinha o futebol e os estudos paralelos.

¹ Nome sujeito a confirmação.

² Taça Brasil de Futebol Feminino.

³ América Futebol Clube.

Era uma coisa que ficou sempre muito clara para mim, uma imposição dos meus pais. Quer jogar bola? Beleza, mas não pode parar de estudar.

J.C. - Você teve apoio da sua família para jogar?

L.A. - Meus pais me incentivaram. Tipo assim, nessa questão de educação, minha mãe é quem tomava as rédeas. Óbvio que ela tinha o respaldo do meu pai. E aí quando eu comecei a jogar nesse time, meus pais iam me assistir jogar o futsal. Eu tinha sempre eles do meu lado. Nunca falaram para mim: “Você não vai jogar, porque é um esporte masculino, porque não é coisa para menina.” Então é como se eles estivessem me amparando naquela minha brincadeira que deixou de ser de dentro de casa, passou para a rua, e passou a ser uma coisa mais, um pouco mais séria, digamos assim. E aí fui lá, comecei a jogar, e continuei jogando o futsal e o futebol de campo. E quando foi, eu joguei... O primeiro time foi América, em 83. E aí eu joguei o campeonato lá contra as minhas referências na época. E era complicado porque naquela época a gente não tinha a mídia. Então era só muito jornal. Inclusive meus recortes de jornal estão todos aqui. E a gente não tinha referência. As referências que eu tinha, quando eu comecei a jogar o futsal, em 1981... Eu jogava contra as meninas do Radar⁴, o pessoal que jogava futebol na praia, entendeu? Então, tipo, eu falava: “Caraca, estou jogando com as feras”. Então, tipo, você é muito nova, você já está começando a sua carreira jogando com pessoas que você via ali já, entendeu?

M.T. - Voltando só um pouquinho, Leda, você falou que jogou o futebol de campo paralelo ao futebol de salão. Isso aconteceu muito com a gente também, não é?

L.A. - Sim, a vida inteira.

M.T. - Mas era futebol de campo em uma equipe e futebol de salão em outra ou futebol de campo e salão pela mesma equipe?

⁴ Esporte Clube Radar.

L.A. - Sim, era equipe diferente. Eu comecei no esporte, no clube Radar⁵, que tinha o mesmo nome do Radar, só que era uma outra equipe. E o primeiro time de campo foi o América. E aí ficou paralelo até... Enfim, eu joguei no América, acho que dois anos, três anos e depois já fui jogar na primeira equipe do Vasco⁶, em 1987. Um Vasco que tinha a Fia⁷, que tinha a Elane⁸, que tinha a Marisa⁹, que tinha a Russa¹⁰, com a galera fraca, time fraco, né?

M.T. - Fraquíssimo. Fraquíssimo [RISO]

L.A. - A galera que tinha jogou no Radar, depois jogou no São José¹¹ e aí depois foi jogar no Vasco lá comigo.

J.C. - Esse Vasco já é o treinado pela Helena Pacheco¹²?

L.A. - Não, é o tal Vasco lá do Ivan¹³, que a Coelha¹⁴ jogou comigo, a Cebola¹⁵ jogou comigo nesse Vasco do Ivan. É uma galera boa. E aí jogamos lá, eu lembro que eu estava até vendo aqui nas minhas fotos, o primeiro campeonato que eu joguei foi um brasileiro em Brasília, em 1987.

M.T. - Aquele que a gente ficou hospedada no Mané Garrincha¹⁶?

L.A. - Isso aí.

M.T. - Eu estava também nessa competição.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁶ Clube de Ragatas Vasco da Gama.

⁷ Maria Lúcia Lima.

⁸ Elane dos Santos Rego.

⁹ Marisa Pires Nogueira.

¹⁰ Marcia Matos Calaça.

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

¹² Helena Maria Filomena da Rocha Ferreira Pacheco.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Cenira Sampaio Pereira do Prado.

¹⁵ Lucilene de Souza Marinho.

L.A. - Você era do Saad¹⁷, não é Tafarel?

M.T. - Era, eu saí do Saad em 1992.

L.A. - Eu lembro que foi a primeira viagem que eu fiz para jogar futebol fora do Rio de Janeiro. E nessa época, porque eu já tinha terminado meu segundo grau eu só jogava bola. E aí, como a Coelha falou, a gente tinha uma ajuda de custo, porque era uma merreca, uma merreca, uma merreca, uma merreca. E depois disso, eu comecei a trabalhar. Por quê? Porque você não tinha como ser viver do futebol.

M.T. - Você já tinha parado com os estudos?

L.A. - É, eu já tinha terminado, eu terminei o segundo grau. E aí, comecei paralelamente, trabalho e futebol. E quando foi em 1992, eu fui jogar no Vasco. A Helena me convidou para jogar no Vasco futsal. Futsal, porque eu sempre joguei contra a Helena e em 92, ela me chamou para jogar no Vasco e eu fui lá jogar futsal. E teve um brasileiro que foi em Arceburgo¹⁸, que eu nem fui, foi em 93. Foi o primeiro campeonato brasileiro que o Vasco conquistou em 93. Eu não fui porque eu trabalhava. Eu falei: “Helena, não tem como eu ir, estou trabalhando.” Eu tinha acabado de começar a trabalhar. E tipo assim, a minha vida dentro do futebol sempre teve, paralelamente, ou os estudos ou o trabalho.

J.C. - E você trabalha com o quê?

L.A. - Cara, eu fui estagiária em Caixa Econômica Federal. Eu trabalhei com uma estamperia, eu trabalhei com uma confecção que eu fazia expedição, eu era secretária, eu era... Eu fazia um monte de coisa dentro dessa confecção. E a minha vida no futebol começou a caminhar um pouquinho mais quando eu fui jogar no Vasco.

M.T. - Por quê?

¹⁶ Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha.

¹⁷ Saad Esporte Clube.

¹⁸ Município do Estado de Minas Gerais.

L.A. - Já pagava um pouquinho melhor. E começaram a agitar mais. A Taça Brasil, naquela época, era a Taça Brasil, era o campeonato brasileiro. Começaram a ficar mais fortalecidas, a ter um pouquinho de apoio maior da CBF¹⁹, enfim. Uma coisa que era obrigada a ter, que até então já tinha tido o Mundial²⁰, em 1991. Então, você tinha que ter um campeonato brasileiro para você fazer lá uma seleção. E, a partir de 1992, que eu comecei a perceber que eu estava ganhando alguma coisa com o futebol, mas muito pouco. Muito pouco. Se eu não trabalhasse, eu não ia conseguir me manter só com o futebol. Isso foi acontecer quando eu fui convocada para a seleção brasileira, que foi a primeira convocação em 1994. Minto, em 1991, eu fui convocada. Eu me apresentei, só que eu não fiquei. Por quê? Porque eu trabalhava. Então, foi uma opção que eu fiz. Eu fui convocada para a China. Até um tempo atrás, eu tinha o telegrama, gente. E eu tinha isso aí um tempão atrás, eu fui e joguei fora. E eu me arrependo amargamente.

M.T. - Você não imagina como eu me arrependo de várias coisas com relação a esses recortes, essas coisas que a minha mãe guardava. E eu falava: “Para que a minha mãe está guardando isso? E eu peguei tudo, coloquei tudo num saco e joguei fora.

L.A. - Eu joguei fora, mas de vez em quando eu olhava aqui, eu falava: “Caraca, eu fui me apresentar e não fiquei.” Por quê? Primeiro, porque eu trabalhava. E segundo, porque a questão do Eurico Lyra²¹, sabe? Essa questão de... Eu sempre ouvi, por eu ter jogado com essas meninas que foram ex-Radar, eu sempre ouvi essas histórias cabeludas do Eurico. Eu falei, caraca, maluco, eu não vou me enfiar numa dessas. Eu olhei muito o lado pessoal. A questão era, eu vou para a China, eu vou para o outro lado do mundo, sabe, Deus, o que vai acontecer comigo! Até então, nunca tinha saído do país, só tinha viajado por aqui, pelo Brasil. E aí eu não fui. E a ficha caiu quando eu fui convocada no Campeonato Brasileiro em Osasco²², eu jogando pelo Vasco. A seleção já tinha feito uma formação, já tinha sido convocada, já estava em Indaiatuba²³. E veio o Campeonato Brasileiro e eu fui convocada em 1994. Foi quando a ficha caiu. Eu falei: “Caraca, o que é isso? Seleção Brasileira.” O Vasco não foi campeão naquele ano. Foi o Saad. Por quê? Porque já era todo mundo que

¹⁹ Confederação Brasileira de Futebol.

²⁰ I Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizada na China.

²¹ Eurico Lyra Filho.

²² Município do Estado de São Paulo.

estava na seleção, estava no Saad. Depois disso eu fui convocada pelo Dema²⁴ que estava lá vendo os jogos. Ele me convocou e depois disso...

J.C. - Com quantos anos você viveu tudo isso?

L.A. - Até 94, eu estava com, acho que vinte e oito anos, foi minha primeira...

J.C. - Você quer dizer que boa parte do tempo futebol na sua vida não foi uma profissão, não é?

L.A. - Não, não foi

J.C. - Foi uma ocupação...

L.A. - Sim. Na verdade, o futebol para mim era um lazer, cara. Começou a ficar um pouco mais sério quando eu fui para o Vasco. Por quê? Porque o Vasco treinava...

M.T. - Isso foi em 1992 ou quando você foi para o Vasco da Helena?

L.A. - O Vasco da Helena. Até então, no primeiro time de futsal, a gente nunca treinava. A gente só se reunia no domingo para jogar. E, depois, quando eu fui para o Vasco, fui para a América. A gente treinava acho que duas ou três vezes na semana. A gente não treinava todos os dias. E aí as coisas começaram a aumentar. Eu fui treinar mesmo, de fato. O Vasco do Ivan também, acho que treinava três vezes na semana. E aí, quando eu fui para o Vasco da Helena, a coisa ficou mais profissional. Por quê? Porque lá a estrutura era boa. A gente não utilizava as instalações do Vasco para treinamento. A gente tinha todo o respaldo do Vasco da Gama, o Clube de Regatas Vasco da Gama, para a gente ter assistência médica. A gente tinha uniforme de treino, de jogo. A gente tinha sala de musculação, a gente treinava dentro do Bradesco. Era um clube. E a gente tinha quadra, a gente tinha musculação, tinha pista de corrida, enfim. E aí a coisa começou a ficar mais séria. Eu saía do trabalho, eu trabalhava de sete às sete da noite, às vezes, e ia treinar quatro vezes por

²³ Município do Estado de São Paulo.

semana. Eu chegava em casa à meia-noite para acordar no dia seguinte, cinco horas da manhã, para ter que trabalhar.

J.C. - Meu Deus!

M.T. - Nossa história é essa!

L.A. - É! Porque com o futebol, a gente não conseguia sobreviver. E, a partir da seleção, sim caiu a ficha. Caraca! Eu sou jogadora de futebol, só jogadora de futebol. Eu jogo futebol. Porque, até então, o futebol, para mim, era lazer. Era sempre paralelo. Ou estudo, ou trabalho. E, depois, quando eu fui para a seleção, acabou tudo. Eu já não trabalhava mais. Nessa época, depois que eu fui para o Vasco, em 92, eu fui mandada sair desse trabalho, fui mandada embora. Aí, com dinheiro, o que eu fiz? Juntei com dois amigos e a gente comprou um trailer e começou a vender hambúrguer, cerveja, petisco, não sei o quê, isso dentro da minha casa. Eu jogava no Vasco e tinha um trailer, ficava no trailer. Eu treinava e ficava no trailer, jogava e ficava no trailer. E, quando eu comecei a jogar na seleção, eu fui obrigada a vender esse trailer. A gente desfez a sociedade e vendeu o trailer, por quê? Porque eu comecei a viajar muito e não tinha como ficar de frente, não tinha como me dedicar a esse tipo de coisa. Enfim, foi uma parte da seleção que caiu a ficha e aí eu consegui sobreviver do futebol.

J.C. - O Dema te convoca quando, Ledinha?

L.A. - Foi em 1994 e a gente se concentrou no final do ano em Paraíba do Sul, aqui no Rio de Janeiro, para fazer preparativo para o Sul-Americano de 1995.

J.C. - Pela seleção você disputou quais campeonatos?

L.A. - Eu disputei o Sul-Americano em 95, nós fomos campeãs.

M.T. - Foi em Uberlândia, Minas Gerais.

²⁴ Ademar Fonseca Nogueira Júnior.

L.A. - Daí disputamos o Mundial da Suécia em 1995 e depois eu fiz toda a preparação de 1996 e me cortaram no finalzinho.

J.C. - Conta mais para a gente, em relação a essa questão de 1996. O que aconteceu?

L.A. - Deixa eu tomar meu remedinho porque são muitas emoções. Então... De 95 para 96 mudou o comando técnico e entrou o seu Zé Duarte²⁵. E eu continuei de boa e tal... Eu não sei, eu não tenho como afirmar se isso que aconteceu no início dos meus treinamentos se impactou lá no final, mas eu penso que tem alguma relação. A gente estava concentrada no Solar das Andorinhas, em Campinas²⁶, lembra, Tafarel? E aí eu comecei com uma dor de dente braba, dor de dente, dor de dente, mano, do nada. Aí fui lá fazer o exame, raio X, me deu um cisto na raiz do dente e eu tive que fazer uma mini cirurgia, canal, não sei o quê, isso foi no início dos treinamentos para as Olimpíadas²⁷. Eu fiquei quinze dias sem treinar e penso que isso deve ter tido um impacto nas escolhas do seu Zé Duarte. E o que acontece? Voltei a treinar, sendo que quando eu voltei a treinar, eu sabia que eu tinha que correr atrás do prejuízo. Por quê? Porque o time já estava formado, já estava trabalhando com o time base, já tinha... Primeiro, quando você fica no estaleiro, você se sente um pouco excluída, nesse sentido. Não sei se isso já aconteceu com vocês. É tenso. Você está no início de uma caminhada, cara, e isso acontece. E parece que foi uma coisa assim, desde o início dessa preparação que eu voltei a treinar, cada dia que passava eu percebia que aquilo ali que eu estava fazendo ia ser em vão, que eu não ia conseguir a vaga. E quando chegou lá no final, realmente eu não consegui. Primeiro, pelos laços afetivos, não sei se o seu Zé tinha alguma coisa contra mim. Eu penso que não porque eu sempre o tratei com muito respeito, muito, mas muito mesmo. Enfim, eu sempre fui assim, uma jogadora bem disciplinada. Quando se tratava de adversário, não. Metia porrada em todo mundo, xingava mesmo, não queria saber. Não queria saber de nada. Mas ali dentro do grupo eu nunca tive desavença, briga com ninguém. E os caras que estavam acima de mim eu respeitava por demais.

²⁵ José Duarte.

²⁶ Município do Estado de São Paulo.

²⁷ Jogos Olímpicos de Atlanta, realizados em 1996.

M.T. - Super profissional. Eu particularmente, achava que você era uma pessoa extremamente profissional. Você estava ali se doando o tempo todo. E eu acho que você tinha o respeito, sim, da comissão técnica. Ainda mais o seu Duarte, não é? Ele tratava todo mundo com respeito.

L.A. - Enfim, eu sei que isso me atrapalhou, porque eu tive que correr atrás do prejuízo, e eu corri muito, corri muito, corri muito com certeza, mas absoluta que eu fiquei no mesmo patamar de todas, de todas. Físico, mental, psicológico, técnico, tático. Sendo que só iam dezesseis, só podiam jogar dezesseis. E aí...

M.T. - Naquela época não eram nem dezoito, Ju, eram só dezesseis jogadoras que viajavam.

L.A. - Nós viajamos em dezenove para os Estados Unidos. Durante a preparação toda, eu já não era titular, que eu tinha sido titular em 1995, perdi a titularidade, e... Tentei correr atrás do prejuízo, não consegui, tipo assim, ele nunca me deu uma oportunidade. Joguei amistosos, como titular, entrava durante os jogos, ali fazia o meu máximo, caramba, para retomar a posição, enfim, e nunca eu tive essa chance. Cara, de boa, eu não sei se alguém falava no ouvido dele ou se era uma escolha dele mesmo, eu não tenho como saber isso. Eu sei que quando eu fui cortada, no dia que fui cortada, primeiro que eu já sabia que ia para lá e não ia ficar, já tinha quase que certeza. Primeiro, porque quando saí daqui eu recebi uma camisa número 15, hoje em dia não, você tem essa questão de número de camisa, você joga com o número de camisa que você quiser, antigamente não. De 1 a 11 são as titulares e de 12 para trás são as reservas. E aí eu já saí daqui com a camisa 15, eu falei: “Estou lascada, mas mesmo assim, vamos que vamos.” E aí fui, ficamos lá um mês, e era treino, amistoso e no dia do corte fui chamada no quarto. Estava seu Cidinho²⁸, Romeu²⁹ e seu Zé. E aí eles falaram não sei o quê para mim, que era por conta da minha bronquite... Eu falei: “Vocês estão de sacanagem. Por conta da minha bronquite?” Porque eu tinha bronquite... Eu falei: “Não, isso aí não procede, eu treinei bastante, eu corri atrás.

²⁸ Nome sujeito a confirmação.

²⁹ Romeu Carvalho de Castro.

M.T. - Você sempre teve bronquite, você não adquiriu a bronquite. Você jogou o Mundial de 1995 e o Sul-Americano com bronquite.

L.A. - Mano, eu jogava na Sabesp³⁰, lembra, Tafarel? No aquecimento, a bombinha ficava lá. Frio do cacete em São Paulo, eu já chegava, dá a bombinha e jogava. Mano, seis meses eu com bronquite e o motivo que vai me cortar é a bronquite? Eu falei: “Olha só, eu não concordo com isso, vocês poderiam me dar qualquer motivo para me cortar, mas esse eu não concordo.” Na verdade, quem me cortou foi o Romeu, cara. E aí, eu fiquei com muita raiva, muito ódio dele, porque eu tinha certeza que foi ele que me cortou. Por quê? Porque a Katia Cilene³¹ saiu aqui do Brasil com uma anemia profunda. Lembra disso, Tafarel? Profunda.

M.T. – Sim, ela foi hospitalizada, caiu no banheiro. Eu que ajudei, alguma coisa assim. Foi hospitalizada, teve que tomar soro. Pois é, ela quase precisou fazer uma transfusão de sangue. Eu lembro porque o sangue era compatível. Lembro que eu falei: “Eu dou o sangue para ela. Eu sou uma das que posso doar sangue pra ela, porque meu sangue é compatível.” Ela não tinha a menor condição de estar entre as dezesseis. E aí ele falou para mim, porque para a Michael Jackson³² era a última Olimpíada dela. Eu falei: “A minha também, porque eu também tenho quase a mesma idade da Michael Jackson.” Tipo assim, levou cinco atacantes, três meio-campo e seis defensoras. Mano, o que a gente precisou nas Olimpíadas foi de quê, Tafarel?

M.T. - Meio-campo.

L.A. - O que não tinha, gente? E outra, ninguém tinha a característica que eu tinha dentro do grupo. Aí ele levou a Michael Jackson, levou Kátia Cilene, levou a Pretinha³³, a Roseli³⁴, a Sônia³⁵. Um monte: a Sissi³⁶ que tinha a característica de ser mais uma ponta de

³⁰ Associação Sabesp.

³¹ Kátia Cilene Teixeira da Silva.

³² Mariléia dos Santos.

³³ Delma Gonçalves.

³⁴ Roseli de Belo.

³⁵ Sônia Maria Roque da Costa.

³⁶ Sisleide Lima do Amor.

lança, enfim, meia atacante. E aí eu tive que segurar essa trolha aí. Segurei essa trolha. E aí a mágoa foi grande, o ódio foi gigante durante anos. Frustração e tudo mais.

J.C. - E como você se libertou disso, Ledinha? Porque a sua história é uma história muito diferente da grande maioria. Essa questão de ir para a seleção e ainda estar trabalhando, abrir mão da seleção, continuar trabalhando... E aí vem a frustração, porque uma coisa é jogarem limpo com você. É isso e é aquilo. Outra coisa é rodear e te colocar para fora da maneira que você está falando diante de algo que você já tinha. Como é que você se libertou disso?

L.A. - Na verdade, eu me libertei... Eu, a Nildinha³⁷ e a Maravilha³⁸ voltamos.

M.T. - É isso que eu ia te perguntar. Quem mais que tinha sido cortada?

L.A. - A Nildinha e a Maravilha. Só que tipo assim... Eu acho que a gente já foi meio carta marcada, entendeu? Foi porque tinha que ir, enfim. Mas já estava praticamente o corte foi meio que determinado daqui. Sem dúvida nenhuma. Sem dúvida. Tanto que eu falei que quando eu saí daqui eu já sabia que eu ia voltar. Porque se eu levei seis meses para correr atrás, para tentar uma vaga, para tentar me inserir ali no time, e eu nunca tive essa abertura, nunca tive essa oportunidade, em um mês eu não ia conseguir isso. E a gente fez um mês. A gente fez a amistosos e tal, enfim, voltamos nós três

M.T. - Onde vocês estavam quando foram cortadas?

L.A. - A gente já estava nos Estados Unidos. Uma semana depois do corte vocês foram para a Vila Olímpica e a gente estava vindo embora.

M.T. - É verdade, porque a gente foi fazer uma preparação ainda um bom tempo antes da Olimpíada. Acho que a gente foi...

L.A. - Ficamos um mês lá.

³⁷ Nilda Ismael do Nascimento.

M.T. – Em South Dakota, não foi?

L.A. - E voltei e, cara, o mundo desabou, porque até então, foi o que eu falei... Até a seleção brasileira, a Leda Maria não se via como jogadora de futebol profissional. E você chega numa seleção, joga o Sul-Americano, joga o Mundial e vem a oportunidade de você jogar a primeira Olimpíada na tua vida. E o nego te sacaneia. Foi o que você falou, Ju. Tipo, Leda, olha, você teve o teu problema da cirurgia no início do treinamento... Mano, joga limpo! Eu ia ficar triste à beça, mas me enganar? Aí foi tenso. Por quê? Porque faz você de otária. Então, tipo, você já carrega o peso de você não ter sido escolhida e o povo te enganar. E, depois, o Romeu, ele ficou com esse peso nas costas quase vinte anos, cara. E depois ele falou que ele se arrependeu amargamente. Não sei se falou isso de coração. E por quê? Porque ele sabia que eu ia fazer falta lá, porém ele quis levar a Kátia Cilene que era do Saad. Quiz levar a Michael Jackson que era do Saad. E ainda por cima eu era do Vasco. Aí...

J.C. - Para tudo que eu quero descer, que loucura, meu Deus. É uma história que não tem nem pé nem cabeça.

L.A. - E ainda tinha esse ranço da CBF com Helena Pacheco e quem pagava o pato era a gente, cara. Entendeu? A Helena não baixava a cabeça, o Eurico Miranda³⁹ não baixava a cabeça e acabava que a gente se ferrava, entendeu? Inclusive a Kátia Cilene, quando ela foi jogar esse campeonato lá de Osasco, ela saiu daqui com a gente do Vasco e jogou pelo Saad. Vocês têm noção do que é isso? Ela sai do Rio de Janeiro no ônibus do Vasco, e quando ela chega lá, ela joga pelo Saad. Enfim, eu venho embora para casa e tipo assim, me lasquei, tipo um sonho que você tinha, que na verdade eu nunca tinha tido um sonho na vida de disputar uma Olimpíada, porque nunca tinha tido uma edição que tivesse futebol feminino, aquela era a primeira. Então, eu já estava com trinta anos em 1996 e não sabia se eu ia disputar uma outra, se tinha idade para disputar, porém, vocês viveram isso também, Romeu faz parte do time do Saad, ele vai levar o Saad todo. Minto: o treinador do time do Saad vai levar o Saad todo, o treinador do time do São Paulo⁴⁰ vai levar o São Paulo todo,

³⁸ Marlisa Wahlbrink.

³⁹ Eurico Ângelo de Oliveira Miranda.

⁴⁰ São Paulo Futebol Clube.

o treinador da Portuguesa⁴¹ vai levar a Portuguesa toda e isso sempre aconteceu, vocês sabem disso. Enfim, a frustração demorou muito a dissipar e eu voltei para casa, eu vou ter que ver minhas amigas, estão lá jogando, eu tinha que ver. E, cara, eu acho que eu nunca torci tanto na minha vida pela seleção brasileira como eu torci ali, porque é como se uma parte minha estivesse ali dentro. Mas é foda você não estar lá, você torcer e você não poder fazer, você não poder interferir naquilo. E eu lembro que a música tema da Gloria Estefan, é uma música linda, maravilhosa, toda vez que eu ouvia essa música eu chorava. Hoje eu ouvi essa música, para você ter noção, e hoje é um bálsamo para os meus ouvidos, enfim, me remete a coisas boas, mas naquela época eu ouvia essa música, eu chorava, mas eu chorava. Naquela época eu tinha que ter feito uma terapia e não fiz. E demorou bastante tempo para isso sair, e o Romeu, uns tempos atrás, a gente veio conversar sobre isso, foi quando a gente retomou o bate-papo, porque a gente ficou sem se falar uma porrada de tempo, e ele sabia o porquê, porque ele interferiu diretamente no meu corte. E aí ele falou que lá no... Ele chegou até a conversar com eles sobre mim, falando que eu estava fazendo falta. Aí já era. Não tinha como, já tinha ido embora.

M.T. - Mesmo porque só levaram uma volante. Não teve jeito. Tiveram que improvisar.

J.C. - E você segue a carreira ainda, Ledinha?

L.A. - Sigo a carreira.

J.C. - Sem outro trabalho, só vivendo do futebol?

L.A. - Só vivendo do futebol... O que acontece? Quando eu fui para esse Vasco da Helena em 1992, eu comecei a jogar só futsal. E quando eu vim em 1993, a Helena começou a colocar o campo. E o que ela fez? “Vocês vão ter que optar. Ou joga futsal ou joga futebol de campo.” E aí já parei de jogar o futsal, migrei só para o campo. E teve aquele campeonato que eu falei, em Arceburgo, que eu não fiz, porque eu trabalhava, mas continuei só jogando o campo. Aí depois o futsal acabou porque não tinha como manter os dois. Foi quando eu parei de jogar futsal pelo Vasco e fui jogar na Sabesp. Eu treinava a

⁴¹ Associação Portuguesa de Desportos.

semana inteira. Eu treinava a semana inteira pelo Vasco e, no final de semana, ia jogar na Sabesp. E foi quando eu já não trabalhava mais. Foi quando eu comecei só a jogar futebol. Não ganhava muita coisa, mas conseguia me manter. Por quê? Porque eu tenho casa, meu pai foi falecido há muito tempo, mas eu tenho minha casa, nunca morei fora. Sempre morei em casa, então, sempre tive o acolhimento da minha mãe, que foi a minha maior incentivadora na vida. A minha mãe em tudo, em tudo. Em tudo ela me apoia. E aí eu fiquei jogando o futsal na Sabesp e jogando no Vasco. Campo no Vasco e futsal na Sabesp. E aí veio a seleção, e em 1997 fui emprestada para a Portuguesa, que foi o auge da minha carreira em todos os sentidos. Financeiro foi quando eu ganhei mais dinheiro. Meu salário era o maior na Portuguesa. Eu exigi que meu salário fosse o maior. Eu vou ser capitã? Primeiro eu estou saindo da minha casa. Eu vou ser capitã do time, só tem menina nova. E eu ganhava bem na Sabesp. Nessa época a gente estava ganhando bem lá. E eu estava morando em São Paulo. E aí eu consegui fazer um pezinho de meia mesmo. Isso foi o dinheiro que eu consegui comprar meu primeiro carro na minha vida. E depois voltei para o Rio. Disputei lá a Paulistana e voltei para o Rio, continuei no Vasco. Isso em 1998, 1999, 2000 e quando o Vasco acaba em 2001 eu falei; “Agora está na hora de a gente pensar no pós-carreira, não é? O que a gente vai fazer depois de parar de jogar bola.”

J.C. – É só nesse momento que você pensa nisso, Ledinha? Aquele grupo nunca teve um bate-papo? Uma discussão?

L.A. - Nada. A gente não pensava nisso não, Ju. A gente não pensava nisso.

J.C. - Nenhum diretor, a própria Helena que vocês gostam tanto, nunca ninguém teve um papo nesse sentido, um direcionamento?

L.A. - Não. Era cada um por si e Deus por todas. E eu como? Lá, quando era menina, adolescente, tive o apoio dos meus pais. E esse direcionamento de estudar e foi quando o Vasco começou a atrasar e não dava não dá mais, porque a idade chegou... Vai fazer o que mais no futebol? Enfim, eu não queria mais aventurar. Na verdade, eu estava meio cansada de me aventurar. Podia até jogar em outro estado, São Paulo, sabe Deus aonde, porque quando o Vasco terminou, as meninas foram jogar em Minas Gerais. A Marisa foi jogar lá,

a Fanta⁴² foi jogar lá. Eu falei, não, chega para mim, não dá mais. E aí eu fui estudar. Comecei a faculdade em 2001, ainda jogava pelo Vasco. Era o meu primeiro período em 2001. Eu ainda jogava, eu treinava no Vasco de tarde e depois ia estudar. Porém, eu não me preparei para isso. De coração. E outra, se eu tivesse que escolher hoje fazer uma faculdade, eu não teria feito Educação Física, juro por Deus. Falo isso para todo mundo de coração aberto. A gente acha, porque você fez isso a vida inteira, porque isso, porque aquilo. Cara, só que é muito diferente. Você tem que tomar uma decisão. Por quê? Porque aquilo ali vai ser a tua profissão depois que você parar de jogar bola. E eu não fiz isso. Eu não fiz isso e era para ter feito.

M.T. - Qual foi o motivo pela escolha por Educação Física?

L.A. - Motivo simplesmente por ter jogado bola a vida inteira, que de repente ia ter um... Eu sempre gostei muito de esportes, todos eles. E aí você acha que vai ser um profissional dessa área. Enfim, trabalhei. Cheguei a trabalhar com musculação, com hidrogenástica, com ginástica, com terceira idade, com projeto, enfim. Mas professora ganha uma merreca. Você ser professora no Brasil, você está lascada. Enfim, eu teria escolhido outra coisa. E aí tinha a bolsa de estudos, teve uma época que eu tive 90% de bolsa de estudos. A Coelha foi mais privilegiada, elas tinham 100% de bolsa sempre. E aí o Vasco acabou, só fiquei sendo bolsista-atleta pela faculdade. Eu me formei em 2004, ainda joguei mais dois anos sem estudar. Eu ia começar a fazer uma pós-graduação e essa matrícula me deu o direito de ainda continuar jogando futsal pela faculdade. E o último campeonato que eu joguei oficial foi a Taça Brasil em 2007, eu já tinha quase quarenta e dois anos de idade. Foi em Macaé⁴³, joguei pelo Macaé e as malucas montaram esse time em três semanas. Jogamos contra o Santos⁴⁴, contra a América⁴⁵, contra o Internacional⁴⁶ e gente quase que chegou, foi o último campeonato oficial que eu disputei na minha vida. Foi a Taça Brasil em Macaé, em 2007.

J.C. - Futsal ou campo?

⁴² Rosilane Camargo Motta.

⁴³ Município do Estado do Rio de Janeiro.

⁴⁴ Santos Futebol Clube.

⁴⁵ América Futebol Clube.

L.A. - Campo, filha, campo. Acho que eu já falei de toda a minha história futebolística.

M.T. - E dessa jornada toda, Ledinha, desses anos todos dentro do futebol, sua maior frustração foi o corte para a Olimpíada?

L.A. - Pois é, foi triste para caceta, Tafaírel. Você estava lá, participou disso, enfim.

M.T. - A gente ficou mal. Eu tinha e tenho um respeito muito grande por você e olha que a gente jogava na mesma posição, a gente disputava a posição.

L.A. - A gente sempre se respeitou, não é?

M.T. - Eu pensava: Meu Deus do céu! Eu estou indo e ela não vai? Por quê? Qual foi a decisão? Será que teve alguma coisa que... De todos os cortes que tiveram, esse foi o que eu senti mais. Foi você ter sido cortada. Bom, a gente já falou das frustrações que você teve. E das alegrias, qual foi a maior?

L.A. - Acho que foi o maior desafio da minha vida, cara, de boa. Foi ter sido comentarista. Pelo amor de Deus! Que coisa louca, velho! Aquilo ali é uma loucura. Mano, o bagulho é doido demais. Primeiro, eu estou com a tela de computador aqui, estou com o monitor. Você tem que dar a tua impressão. Primeiro que você tem um nome, você é ex-atleta, você tem um nome. Você tem que saber falar. Você tem a luz, você tem o microfone. E, tipo, você tem que dar a sua impressão, você tem que dar a sua opinião. Você tem que ser convincente. Enfim, foi o maior desafio da minha vida. Mas foi, eu acho que sim, o que confortou o meu coração, porque eu não disputei as Olimpíadas dentro do campo. Mas eu consegui disputar umas Olimpíadas como comentarista. Cara, isso aí não tem preço. Não tem preço. Então, tipo, é como se eu tivesse... Não encontro a palavra. Sei lá, não tenho. Não tenho palavra, sabe? Porque, inclusive, eu só fiz os jogos do Brasil. Eu não fiz outros jogos. Outros comentaristas fizeram outros jogos. Eu lembro de um dia que eu fui pegar o meu crachá lá no Parque Olímpico⁴⁷, na Barra. Toda posuda, né? Entrando lá na área dos jornalistas. Gente, foi muito gostoso, cara, na moral. Tenho o crachá dos Jogos Olímpicos

⁴⁶ Sport Club Internacional.

do Rio de Janeiro, de 2016, como comentarista! E, tipo, isso aqui é como se fosse o meu troféu. E ganhei uma medalhinha também, de participação e é linda. E aí eu me realizei e realizei meu sonho nisso aqui, enfim. E a Leda Maria que era jogadora, ficou conhecida como Leda Maria comentarista. Eu nunca imaginei isso na minha vida, velho. Nunca imaginei! E foi através da Meg⁴⁸, que ela fez esse convite para mim. Estava precisando de gente lá, não sei o quê, e disse que ia me levar. Foi na SporTV e fiz vários campeonatos: Sub-20, Sub-17, Europeu, Champion League, Brasileiro e as Olimpíadas. E foi, assim, muito massa, cara.

M.T. - Foi 2016 que você começou como comentarista ou antes disso?

L.A. – Foi em 2010 no sub-20 e fiquei até 2018.

J.C. - Muito bem. E por que parou?

L.A. - O que acontece? Foi quando começou a mudar a política da Globo e eles já começaram a tirar muita gente. Foi quando veio a crise também, no Brasil e no mundo, e tinham diretores lá com vinte, trinta anos de casa que foram mandados embora. Eles mudaram muita gente e nessa eu fui. Eu poderia ter aproveitado mais, sabe? Só que, eu sei lá, cara, eu sou muita emoção. Eu não queria ser assim não, gente. Porque acaba que o raciocínio, a parte da razão, ela sempre fica para segundo plano. A gente faz muita merda. Faz merda na vida, faz merda no trabalho, enfim. Mas...

J.C. - Ledinha, me conta o seguinte: Você olha hoje para o futebol de mulheres e pensão quê? Tem alguma coisa que te enche o coraçãozinho de alegria olhando para ele? Como é que é esse olhar para o futebol de mulheres existente hoje?

L.A. - Se eu te disser que eu não tenho ressentimento, que eu não tenho mágoa, que eu não tenho... Assim, falta essa questão do reconhecimento, não tem como a gente não falar disso. O reconhecimento que a gente não teve. São tempos diferentes, óbvio, mas que

⁴⁷ Parque Olímpico do Rio de Janeiro, localizado na Barra da Tijuca.

⁴⁸ Margarete Maria Pioresan.

acontece? Como você falou, Ju, que quando você começou a sua carreira a nossa contribuição foi muito grande. Isso é uma forma de você reconhecer a nossa história, o que a gente fez ali e eu não vejo isso nessa geração. Não vejo! Eu vi isso acho que só até a tua geração. Acho que a geração de Marta⁴⁹ esqueceu disso, velho. Essa geração de Marta e as que vieram depois, eu não consigo ver isso, ler e ver isso nas entrevistas dessas meninas. Não sei se eu estou falando besteira, mas o meu ponto de vista é esse. Mas o que hoje me deixa feliz é ver uma Jujugol⁵⁰, uma menina que tem uma Sissi, uma Fanta como referência. Mano, olha quantas gerações dessas meninas passaram por ela e ela ter isso? Não sei se é a criação que ela tem, não sei se é uma coisa dela mesmo, mas é uma menina que tem dez, doze anos e está começando agora. Uma coisa que a gente nunca teve lá atrás. Hoje em dia as meninas com essa idade já têm uma porrada de patrocinador, já tem agenciador. Então elas realmente têm que aproveitar isso. Eu penso em trabalhar, você não perguntou isso, mas penso em trabalhar com futebol feminino. Acho que eu tenho alguma coisa a ensinar. Primeiro, porque eu sou ex-atleta e segundo porque eu sou formada. Então, acho que hoje em dia a gente tem que aliar muito essas duas coisas. Penso em estudar também, mas agora minha cabeça não entra em absolutamente nada. Nada. Nada de estudo, nada mais de teoria. Então eu preciso ir para a prática para depois continuar com a teoria. E aí é isso. Consegui responder a sua pergunta?

J.C. – Conseguiu e muito bem. E eu fico só com mais uma curiosidade pois me chama a atenção a questão da relação com superiores. Você cita logo no início da sua fala, o Eurico Lira, de que você não queria esse atrito porque ouvia muito falar. Depois o outro que você cita é o Romeu no momento do corte. Como é que foi essa relação com esses superiores ao longo da sua carreira? Ao longo das obrigações que você tinha como jogadora? Como era essa relação, Ledinha? Você ainda tem relação com algum deles?

L.A. - Eu acho que 99%, 98%, vou deixar 1% para cada uma dessas situações aí, 98% das minhas relações com os superiores sempre foram de muito respeito. Eu, enquanto jogadora, mesmo não ganhando como profissional, eu sempre fui muito profissional. Muito! Principalmente quando eu comecei a jogar. Eu não sei se a maneira como eu jogava passava isso para quem eram os meus superiores, mas tinha essa questão de eu defender

⁴⁹ Marta Vieira da Silva.

muito as cores da camisa que eu vestia. Isso aí fez de mim uma pessoa vista como uma pessoa correta, uma pessoa disciplinada, uma pessoa muito profissional. E outra, era braço direito dos meus treinadores, cara. Eu sempre fui braço direito dos meus treinadores. Todos eles podiam contar comigo, tanto dentro quanto fora do campo e das quadras. Quando eu comecei a jogar no meu primeiro time, a gente não treinava, não é? Eu falei para vocês que a gente não treinava, a gente só jogava. Cara, aí teve uma época que os times começaram a atropelar a gente. Até então a gente ganhava tudo. Campeão disso, daquilo, daquilo outro, não sei o quê. E aí os outros times começaram a chegar e eu falei: Seu Nelson, a gente precisa começar a treinar, senão a gente vai ficar tomando bomba aqui. Competitiva para cacete! Eu não gostava de perder. E aí a gente começou a treinar porque ele me ouviu. A gente treinava uma, duas vezes na semana. Não era o suficiente, mas já dava um gás a mais ali no time. Enfim, o Dema, a Helena, a Cris⁵¹, os outros treinadores que passaram pela minha vida e tipo, a questão de ser capitã, a questão desse respeito, desse respaldo, acho que em todas as equipes que eu joguei, eu fui capitã. Na faculdade, eu que era capitã do time. Então, eu sempre tive excelente relação com esses caras. Agora, o Eurico Lira, todo ano ele me chamava para jogar Radar, todo ano ele: “Vem jogar comigo, vem jogar comigo!” Cara, eu nunca joguei com o Eurico. Sempre joguei contra por conta das coisas ilícitas, não é? As histórias que eu ouvia eram muito cabeludas para mim. Eu não ia conseguir bancar aquilo, na moral. E essa questão do Romeu, enfim, mas não desgostava dele, não desgosto. E é isso.

M.T. - Tem uma pergunta: Como você falou, você escutava muitas coisas sobre Eurico e eu não sei, na minha época também eu tive que passar por algumas coisas. Teve algum tipo de perrengue com alguma diretoria, no sentido de que você se sentiu negligenciada ou abusada ou alguma coisa assim?

L.A. - Não, mas o fato de eu não ter jogado com o Eurico foi para evitar isso aí, sabe? Eu não sei se isso poderia acontecer comigo, então foi uma questão onde eu me preveni. Porque essa questão era que eu ouvia mais do envolvimento dele com as meninas... Então aquilo pra mim era um troço muito cabeludo. Eu não conseguia me inserir naquele contexto ali, entendeu? As meninas eram mais velhas do que eu, já estavam nessa *vibe* e eu

⁵⁰ Julia Rosado de Souza.

não me via naquele contexto, enfim. E era medo, era repulsa. Mas enquanto dirigente, eu super admirava ele, tinha as questões também de grana, que ele sacaneava geral... Tipo, estou dando um exemplo assim só para... Mas nunca, nunca, nunca, nunca não me lembro de ter tido essa questão com nenhum dirigente, graças a Deus.

J.C. - Ledinha, para encerrar nossa entrevista, gostaria de saber qual o reconhecimento que você espera diante dessa história tão linda e tão sofrida?

L.A. - Qualquer um. Seja dinheiro, seja uma placa, seja uma festa, seja um, sei lá, qualquer coisa. Qualquer coisa que a gente tenha assim, enquanto reconhecimento, da CBF, porque quem tem que reconhecer a gente é a CBF. Tem muita gente que nos reconhece como pioneiras, como isso, como aquilo, mas o que a gente tem na CBF que lembra a seleção de 1988? Cara, não tem nada. Nada! Um tempo atrás eu fui lá na sala de troféus do Vasco, está tudo lá. Pode não ter foto, mas todos os troféus nossos estão lá. Essa semana mesmo, eu levei uma passageira, deixei ela em frente ao Vasco. Falei: “Gente, que coisa mais linda, estou aqui, enfim. Então, é complicado por isso, porque a gente deu sangue, a gente renunciou, talvez nem tanto, muitas meninas renunciaram, acho que muito mais, tipo a Tafarel saiu cedo de casa para jogar futebol. Eu nunca saí da minha casa para jogar futebol, eu sempre joguei futebol morando neste mesmo lugar. Então muitas meninas deixaram de estudar, sabe, deixaram os pais em casa, e hoje em dia estão no ostracismo, passando dificuldade. Acho que algumas delas vão dar o relato aqui, que é sofrido para cacete. Ainda me sinto privilegiada pela minha vida inteira e, principalmente, por ter feito amigos no futebol. Amigos, valores... Então, a questão do reconhecimento, a gente só queria isso. Que a CBF nos reconhecesse. Ou, de repente, a questão de pegar algumas de nós e começar a colocar a gente dentro do circuito, de pegar uma Sub-15, Sub-13, uma oficina, escolinha. Pô, essas aqui são as pioneiras, elas que começaram o futebol, disputaram lá os primeiros mundiais da categoria. Enfim, é isso aí. E aí fica mágoa, não é? E isso para a gente seria uma luz no fim do túnel. Uma coisa que está no estatuto, está na regra da FIFA⁵², de ter mulheres nos cargos de gestão, e a gente está vendo isso. A quantidade de mulheres que hoje tem trabalho na Sub-17, 20 e adulto, é uma coisa que a gente nunca viu na face da

⁵¹ Maria Cristina de Oliveira.

⁵² Fédération Internationale de Football Association.

terra. Então, isso aí dá um alento, dá uma esperança para que em alguns anos a gente tenha essa resposta aí que a gente tanto espera.

J.C. - Ledinha, você praticou outros esportes na escola ou fora dela?

L.A. - Vôlei! Eu joguei vôlei nesse time do Radar no primeiro que eu joguei e na escola eu jogava handebol. Mas era goleira, mano.

J.C. - Então eu vou começar a me despedir de você. Ledinha, eu joguei pouco tempo com você, mas me chama muita atenção, porque eu não me lembrava os acontecimentos de Atlanta. Eu joguei acho que nem um ano com você no Vasco, não deu um ano, mas a gente se encontrava também na Sabesp e eu não acredito que eu não sabia dessa sua história, que é fantástica. Então, quero te dizer que foi muito rico o nosso papo, foi muito legal saber da sua história, saber da sua luta... Espero que você siga com esse caminho porque as portas vão se abrindo e a gente vai se direcionando. Enfim, você é uma pessoa muito, muito, querida.

M.T. - Bom, Ledinha, para mim é fácil falar de você, porque para mim você é uma inspiração. Eu joguei muitos anos com você, eu joguei contra você, fomos companheiras de seleção... Eu tive a Russa que foi outro médio volante, que eu briguei por posição, mas eu acho que profissional, atleta profissional que passava respeito que nem você, foram poucas que eu respeitei dessa maneira. Eu acho que você sempre foi uma pessoa extremamente leal, uma pessoa que sempre foi muito justa nas suas ponderações e é aquilo que eu te falei: "Você fez muita falta na Olimpíada de Atlanta e eu acho que infelizmente isso não vai poder ser reparado. Então eu fico torcendo agora para que essas homenagens para as pioneiras aconteçam para que você possa ser homenageada por tudo que você fez pelo futebol feminino e pela grande influência que você teve na minha vida também dentro da carreira, porque quando eu tinha que competir por posição com você, você me fez melhor, você fez eu querer ser mais. Muitas vezes eu tinha dúvidas sobre o meu potencial e tendo que brigar por posição com você, eu senti uma autoconfiança muito grande e você me passou isso. Então eu só posso agradecer, reverenciar e dizer obrigada. Obrigada por tudo que você fez na minha vida.

L.A. - O que falar? Pois é, quando eu terminei de me formar, eu estava com trinta e quatro anos e já não jogava mais profissionalmente pelo Vasco. O Vasco tinha acabado em 2001, foi quando eu comecei a jogar, a estudar e ser bolsista pela faculdade. E aí você para de jogar e... Um menino, eu chamo ele de meu filho, porque eu tenho exatamente a mesma idade da mãe dele. Ele começou a fazer a faculdade com a gente, tinha dezesseis anos. Ele está com trinta e três. Estive com ele ontem. Ele me chama de mãe, a gente se chama, eu sou a mãe dele. E aí ele terminou a faculdade com vinte e dois anos e eu terminei com trinta e quatro. E quando a gente vai para um campo de trabalho, você vai contratar quem? Dependendo. Eu já tinha a vivência, já era cascuda, mas vai contratar o de dezoito, de vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro.

M.T. - Isso no Brasil, não é? Você está falando da realidade brasileira, porque se for a realidade aqui, entre uma pessoa que está saindo da faculdade com a experiência que você tem, aqui eles vão optar pela experiência com a formação.

L.A. - Aqui é o inverso. Por que aqui é assim? Porque você vai pagar a metade que você pagaria para mim. Por quê? Porque eu já tenho um currículo. Então, querendo ou não, na minha profissão, isso teve um impacto. Tipo assim, tive oportunidades de trabalhar, tive um excelente emprego, só que eu não tive cabeça para continuar além, senão, de repente, eu teria seguido para um outro caminho. Aí são questões de opções. Mas eu saí da faculdade com 34 anos. Então, tipo, mercado de trabalho, principalmente no Rio de Janeiro, sempre foi muito difícil. Aí você trabalha aqui, trabalha acolá, professor tem que ir aqui, ali, acolá... Hoje eu estou como motorista de aplicativo, motorista executiva. Fiz os cursos, já fiz curso de treinadora, de análise de desempenho e eu quero trabalhar. No Rio de Janeiro, você trabalha aonde no futebol feminino? Tu fala para mim. Aonde você trabalha? E hoje eu vou fazer cinquenta e cinco anos. Tipo assim, na minha vida, as coisas sempre demoravam muito para acontecer. Minha história de vida é meio que assim, entendeu? Tirando o início que comecei a jogar futebol foi desde nova, algumas coisas na minha vida sempre foram muito demoradas a acontecer. E eu tenho vontade, eu quero trabalhar com futebol feminino.

M.T. - Ledinha, você tem o sonho de trabalhar na CBF ou de ajudar no desenvolvimento do futebol feminino?

L.A. - Tenho, independente de ser na CBF, que seja em um clube. Ano passado eu tive uma proposta de uma menina em São Paulo e aí veio a pandemia. E continua, a pandemia continua. Então, as atividades estão suspensas. Esse ano eu ainda não falei com ela, falei com ela no final do ano passado. E vamos ver o que vai acontecer. Mas, aqui no Rio de Janeiro, eu acho difícil, a não ser que seja o que você está falando. É uma questão que poderia ser incentivada pela CBF. Por quê? Porque ela vai dar respaldo, vai dar estrutura, e aí, eu acho que os clubes vão receber isso de braços abertos, não vão ter a responsabilidade de bancar esse tipo de coisa. Se a CBF não fizer isso, porque os times estão quebrados. A gente viu aí o Campeonato Brasileiro, dois times cariocas rebaixados, gente.

M.T. - Você já tentou mandar currículo para o Botafogo, para o Flamengo, sei lá, para alguns clubes?

L.A. - Não, não. Primeiro que o Flamengo é Flamengo Marinha e praticamente quem trabalha lá é quem é da Marinha. O Botafogo⁵³ já tem um tempo que tem uma galera já formada...

J.C. - Sem jeito. Entendi. Enfim, Ledinha, muito obrigada pela tua entrevista. Foi maravilhoso estar aqui com você. Boa noite.

L.A. – Eu que agradeço. Estou muito, muito, muito feliz. Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁵³ Botafogo de Futebol e Regatas.